

● Análise dos atrativos culturais de Ilhéus em sites publicitários de turismo

Julianna Nascimento Torezani (julianna_torezani@yahoo.com.br)*

Resumo

Aborda discutir como o patrimônio cultural da cidade de Ilhéus está sendo preservado e como é divulgado para o setor turístico. O artigo foi construído em partes, a primeira parte trata de refletir sobre cultura e patrimônio cultural, na segunda buscou-se analisar o discurso histórico da cidade de Ilhéus. Na terceira parte, foi apresentado o termo região a partir do conceito de espaço de fluxos, em relação ao espaço de lugares. A quarta parte trata da análise de dois sites sobre o turismo em Ilhéus, quanto ao patrimônio arquitetônico da cidade, considerados como atrativos turístico-culturais.[]

Palavras-chave: Cultura, Ilhéus, Turismo.

Abstract

It approaches to argue as the cultural patrimony of the city of Ilhéus is being preserved and as is divulged for the tourist sector. The article was constructed in parts, the first part treats to reflect on culture and cultural patrimony, in second searched to analyze the historical speech of the city of Ilhéus. In the third part, it was presented the term region from the concept of space of flows, in relation to the space of places. The fourth part treats of the analysis of two sites on the tourism in Ilhéus, about to the architectural patrimony of the city, considered as attractive tourist-cultural.

Key-words: Culture, Ilhéus, Tourism.



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



Introdução

A cultura nos dá o direito à diferença, no universo de escolhas, de opções, de produção, de circulação dos sentidos e dos valores decorrem as ações sociais através de mecanismos de identificação.

O objetivo do artigo é discutir os conceitos de cultura, expor informações sobre a interpretação histórica da cidade de Ilhéus e verificar como os atrativos culturais estão apresentados em sites publicitários de turismo, sendo este um espaço de fluxos que divulga e vende o espaço físico, que é aproveitado pela atividade turística.

O artigo foi dividido em partes. A primeira trata da discussão dos conceitos de cultura e patrimônio cultural. Na segunda é apresentada como se dá a construção dos acontecimentos históricos a partir do olhar do historiador, na terceira parte, foi discutido a partir do termo espaço de fluxos, como a cidade se apresenta no cenário virtual. A quarta traz uma análise de sites sobre o turismo em Ilhéus, especificamente, de como está sendo divulgados os atrativos culturais da cidade.

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, acompanhada pela análise do conteúdo de sites publicitários. Pretende-se refletir sobre como a cultura da cidade de Ilhéus é formatada como produto turístico na Internet.

Reflexões sobre Cultura e Patrimônio Cultural

A cultura é um componente essencial para o desenvolvimento humano, pois, é a expressão do modo de pensar e de agir dos indivíduos e das comunidades. Como é o conjunto de costumes, usos, crenças e utensílios de uma determinada região diferente de outra, pode-se afirmar que há uma pluralidade cultural, onde as pessoas

devem preservar seus hábitos, pelo qual são criados laços de socialização, importantes para sobrevivência humana. Por ser dinâmica, a cultura se reconfigura através das gerações e manifesta-se nas relações sociais através das artes, dos cultos, da história, da arquitetura, da culinária, da indumentária, enfim, dos infinitos elementos culturais que compõem o patrimônio cultural de uma nação.

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas (GEERTZ, 1989, 64).

Para Geertz, a cultura é uma condição essencial para a existência humana, porque somos seres incompletos, que nos completamos através de formas particulares de cultura. Portanto, não é apenas através das necessidades que são feitas às opções, mas está, além disso, não é apenas sentir fome, mas qual o alimento que é ingerido e como é preparado, desta forma é um ato cultural, simbólico.

A cultura, entendida como as formas de organização simbólica do gênero humano remete a um conjunto de valores, formações ideológicas e sistemas de significação, que orientam o desenvolvimento técnico e as práticas produtivas, e que definem os diversos estilos de vida das populações humanas no processo de assimilação e transformação da natureza (LEFF, 2000, 123).

O homem é um ser cultural que produz bens culturais, que no conjunto se denomina patrimônio cultural, como uma construção

* Mestranda em Cultura e Turismo. Projeto de pesquisa: "O Patrimônio Cultural de Ilhéus em Sites Informativos de Turismo", orientado pela Prof^a. Dr^a. Sandra Sacramento. Bacharel em Comunicação Social - Rádio e Televisão pela UESC. Docente de Sociologia da Comunicação no curso de Jornalismo na FACSUL, Itabuna, Bahia.
E-mail: julianna_torezani@yahoo.com.br

humana através da transformação da natureza. Existem, assim, diversos bens que fazem parte da nossa cultura, desde festas, gastronomia, arte, enfim, numa pluralidade enunciativa que torna cada local único e deve ser valorizado como tal. A cultura está sempre em transformação e a partir desta ocorrem modificações no patrimônio no decorrer dos tempos, a cada momento é refletido nos bens culturais o pensamento, os saberes, os símbolos, as criações e as recriações das pessoas no local em que habitam.

Sahlins (2003, 168) coloca que "os homens não 'sobrevivem' simplesmente. Eles sobrevivem de uma maneira específica". Em que os objetos são utilizados pela sua significação. Uma roupa é útil para o ser humano, mas além da utilidade ela expõe objetivos e informações, portanto a roupa comunica, porque é simbólica.

Mas a "cultura" não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados _ significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. [...] Essa ordenação (e desordenação) do mundo em termos simbólicos, essa cultura é a capacidade singular da espécie humana (SAHLINS, 1997, 01).

A cultura é o que nos torna singulares, o patrimônio arquitetônico, enquanto produção cultural, edifica os costumes, a política, os interesses econômicos e as características do lugar.

Modernamente se compreende por patrimônio cultural todo e qualquer artefato humano que, tendo um forte componente simbólico, seja de algum modo representativo da coletividade,

da região, da época específica, permitindo melhor compreender-se o processo histórico (PELLEGRINI FILHO, 1997, 94).

O patrimônio cultural se divide em três grupos: elementos naturais, como matas, praias, rios; elementos do saber, técnicas e artes que o homem emprega para sobreviver, como saber cozinhar, saber construir; e, bens culturais, que é o resultado da ação do homem na natureza, criando objetos, artefatos e construções. Os bens culturais se dividem em móveis que são setoriais, possíveis de serem colecionados como fotografias, selos, roupas e os elementos intangíveis como as festas; e, os bens imóveis que são as construções e as edificações como cemitérios, monumentos, casas, prédios.

Ao conceituar patrimônio cultural, observa-se que este é um conjunto muito amplo de elementos. Por isso, neste trabalho será delimitado o estudo dos bens culturais imóveis da cidade de Ilhéus, onde as edificações constituem o patrimônio arquitetônico da cidade.

História: Construção dos Acontecimentos

O discurso histórico é feito de acontecimentos, que é o olhar sobre como são abordados os fatos, é uma construção de quem analisa a trama, assim, quem narra constrói o acontecimento. Cada acontecimento passa por vários itinerários e ao contá-lo é escolhido um itinerário, onde a história é a narração que organiza a trama.

A História diferente da memória exige distanciamento dos fatos, pois estuda o passado, é produzida através do método, busca apreensão do que ocorreu no tempo, pretende ser universal e alimenta-se de registros e de vestígios da memória. Como afirma Veyne (1992, 18-19) "a história é, em essência, conhecimento por meio de documentos. Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os

documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento".

A História busca estudar os fatos a partir de fontes documentais, através de registros oficiais, imagens, músicas, lendas, jornais, monumentos, assim, a noção de documento abrange outros elementos.

O conceito de documento, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos arqueológicos, foi ampliado. Hoje, os documentos abrangem inclusive a palavra, o gesto. Constituem-se arquivos orais; são coletados etno textos. [...] Entre suas diversas formas está a história das produções do espírito, ligada à imagem, ou história do imaginário, que permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos, sob a condição de respeitar sua especificidade (MACEDO; RIBEIRO, 1999, 13, grifo do autor).

Como a história trabalha a partir de documentos, que são fontes necessárias e importantes para pesquisar e analisar o passado. Os textos literários, por sua vez, recorrem às referências históricas em suas construções, utilizam mitos, fatos e acontecimentos para narrar determinados momentos junto às suas criações, de personagens, de cenários, de tramas.

A memória volta ao passado para entender o presente. Na dimensão coletiva, está gravada nos bens culturais, nos depoimentos das pessoas e nas imagens, que buscam tornar memoráveis os acontecimentos de uma localidade.

Por isso, a memória é mantida pelos grupos humanos e hoje como a memória natural está se perdendo há os lugares de memória, como os museus, os centros culturais, os monumentos arquitetônicos e os arquivos, que buscam guardar e resgatar vestígios e signos da vida ao longo dos tempos para a preservação dos fatos e também por causa da nossa capacidade de esquecer, visto que nossa memória é seletiva. Assim, ela se

cristaliza fora de nós, em objetos, construções, lendas e monumentos.

As fronteiras entre História e memória são intercambiáveis. Embora possa ser útil traçarmos alguns limites entre História e memória, é interessante observarmos que tanto a memória é constituída a partir das narrativas do presente, quanto a História é resultado de experiências que se acumulam ao longo do tempo. [...] Enquanto historiadores procuram, através da memória, pelos diversos componentes que constituíram os contextos culturais do passado, sociólogos e antropólogos elegem a memória coletiva como elemento-chave para a compreensão da constituição de práticas e comunidades imaginárias do presente. Neste caso, não se trata de investigar o passado através da memória, mas de procurar compreender o presente a partir das reconstruções que são feitas do passado (SANTOS, 2003, 274-275).

A memória permite entrelaçar o passado e o presente através de informações armazenadas e transmitidas das experiências passadas pelos indivíduos, para atender aos interesses do presente.

Entre as características da memória em comparação com a história, é necessário destacar, que a memória dialoga entre a lembrança e o esquecimento, é vulnerável quanto as manipulações, é coletiva e plural, alimenta-se das lembranças, por sua vez, a história busca apreender os fatos no tempo, é produzida através do método, pretender ser universal do que coletiva e alimenta-se de vestígios da memória. Como diria Veyne:

A história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página. [...] A história é filha da memória. Os homens nascem, comem, morrem, mas só a história pode informar-nos sobre suas guerras e seus impérios; eles são cruéis e banais, nem totalmente bons, nem totalmente maus; mas a história nos dirá se, numa determinada época, preferiram ter

maior lucro por um tempo mais dilatado a se aposentarem depois de terem feito fortuna, e como percebiam e classificavam as cores (VEYNE, 1992, 18-19).

Enquanto a história é conhecimento por vestígios e documentos, a memória é por lembranças vagas, globais e flutuantes. Por isso, na memória há informações e invenções e ao rememorar o passado é seguido um caminho difícil com conflitos, silêncios e surpresas. Como diria Foucault (1999, 78) "a história, portanto, torna memorável e, ao tornar memorável, insere os gestos num discurso que coage e imobiliza os menores feitos em monumentos que vão petrificá-los e deixá-los de certo modo eternamente presentes".

O historiador constrói o acontecimento, assim o evento é construído pelo olhar, o olhar sobre a história. A história, portanto, é uma narração que organiza a trama. Tudo o que se narra é compreensível, visto que se pode narrá-lo, é a análise do processo de como se dão os fatos. Até porque o percurso da trama é livre, visto que há vários caminhos para explicar os fatos.

Basta admitir que tudo é histórico para que esse problema se torne, ao mesmo tempo, evidente e inofensivo; sim, a história não é senão respostas as nossas indagações, porque não se pode, materialmente, fazer todas as perguntas, descrever todo o porvir, e porque o progresso do questionário histórico se coloca no tempo e é tão lento quanto o progresso de qualquer ciência; sim, a história é subjetiva, pois não se pode negar que a escolha de um assunto para um livro de história seja livre (VEYNE, 1992, 37).

A história ao ser produzida é subjetiva, porque é feita por humanos, assim os objetos e os percursos a serem estudados se dá pela liberdade e curiosidade de quem vai percorrer. Ao rememorar os fatos a memória se apresenta no presente, de acordo com os interesses para explicação e interpretação

dos acontecimentos. Por isso, que a História reconhece os discursos de várias fontes para o estudo, na região cacauera, há os relatos dos memorialistas e viajantes, além dos escritos dos historiadores.

Ilhéus é uma cidade que possui 471 anos. Localizada na Região Sul da Bahia, foi Capitania Hereditária de São Jorge dos Ilhéus e principal cidade na época do ciclo do cacau, situada a 462 Km de Salvador. A capitania foi doada por D. João III, Rei de Portugal, para Jorge Figueiredo Correa, que mandou o tenente Francisco Romero tomar posse e se estabelecer no lugar.

Na historiografia regional são utilizadas as cartas de jesuítas e viajantes portugueses para analisar os séculos XVI e XVII. Para o período dos séculos XVIII e XIX, além dos relatos de viajantes, são utilizados textos dos historiadores nacionais, a partir de documentos oficiais e de observações. Já do século XX, existem várias obras de historiadores, memorialistas e escritores sobre a história regional como Borges de Barros, Souza Brito, Silva Campos, Jorge Amado, Guerreiro Freitas, Adonias Filho, Hilda Paraíso, Janete Macedo, André Ribeiro, Falcón e Mary Ann Mahony.

A representação histórica e a retórica política entrelaçam-se na região cacauera no século XX. A percepção que as facções políticas da elite do cacau tinham de si mesmas e os argumentos políticos desenvolvidos para sua fundamentação vieram a dominar o discurso sobre o passado da região. O surgimento de uma versão mítica da história regional foi reflexo da memória coletiva da sociedade ilheense formada através de textos históricos, técnicos e literários. Esse processo ocorreu durante todo o século XX, quando vários estudos oficiais e obras ficcionais ajudaram a disseminar e a construir o paradigma dominante da história regional (RIBEIRO, 2001, 109).

Ilhéus é uma cidade que possui versões históricas bem distintas, no momento em que determinado projeto político de um grupo assume o poder, uma das histórias da cidade é escrita e esta aparece nos textos literários, como alerta a antropóloga Ana Cláudia Silva:

Com exceção de trabalhos críticos e recentes, as versões produzidas pelos historiadores locais dão esse mesmo salto cronológico: da fundação da capitania hereditária, no século XVI, passam ao século XIX, com a implantação da lavoura cacauzeira. [...] A maior parte dos historiadores informa que a região sul da Bahia permaneceu praticamente inabitada até meados do século XIX, quando levas de migrantes "humildes", especialmente vindos das regiões de Sergipe e do sertão baiano fugindo da seca, chegaram a Ilhéus, derrubaram as matas e começaram a produzir riqueza e crescimento econômico para a cidade com a implantação do cacau, ainda que dispusessem de poucos recursos e apenas de seu próprio trabalho, isto é, não tinham condições econômicas para usar a mão-de-obra escrava. Em linhas gerais, este é o mito de origem do cacau na região e sobre o qual não há divergências significativas: Jorge Amado, Adonias Filho e historiadores repetem-no (SILVA, A. 2004, 101-102, grifo da autora).

Quando Antônio Pessoa da Costa e Silva, conhecido como Coronel Pessoa assume o poder político entre 1912 e 1915, com a idéia do mito do cacau, o grupo político contrário era liderado por Domingos Adami de Sá, representando a aristocracia e as famílias da elite. Na disputa entre pessoístas e adamistas, é escrita uma outra história, a partir do heroísmo de famílias pobres terem acendido ao poder, de homens que enriqueceram a partir de seus próprios esforços, seriam assim, os "novos ricos" e com sua própria história, sua própria literatura e

seu próprio patrimônio, estes homens contam que não contava com outro tipo de capital, através apenas da plantaçoão. Como analisa o historiador André Ribeiro (2001, 115-116) que "em 1915, foi publicada uma obra sobre a história do município ilheense, encomendada por Pessoa, escrita pelo historiador baiano Francisco Borges de Barros".

Na literatura, o escritor Jorge Amado, em suas obras como Cacau (1933) e Terras dos Sem Fim (1942), obras anteriores a Gabriela, Cravo e Canela (1958) critica a exploração dos grandes proprietários em relação ao cultivo e venda de cacau:

Para Jorge Amado, o 'tipo de sociedade' forjado pela economia cacauzeira em seu momento posterior à implantação da cultura não tem nada de democrático. Essa economia criou uma elite de homens rudes, humildes, mas também violentos e exploradores; que tratavam os trabalhadores das fazendas como escravos. [...] Em suas obras sobre a região cacauzeira, o autor afirma que antes de chegarem os exportadores _ os capitalistas estrangeiros _ a economia do cacau era baseada no sistema feudal. Seus livros mostram vários aspectos dessa versão da história de Ilhéus: as lutas violentas pela terra e a expropriação dos pequenos agricultores; a exploração dos trabalhadores; a perda de terras dos produtores para os exportadores; a relação dos fazendeiros com o poder político (SILVA, A. 2004, 106, grifo da autora).

Na época da ascensão do grupo pessoísta, o escritor Jorge Amado, segue a versão histórica do Coronel Pessoa e escreve Gabriela, Cravo e Canela de acordo com o projeto político. Ribeiro (2001, 125, grifo do autor) relata que "as personagens 'amadianas', caracterizadas na maior parte como migrantes nordestinos, criaram a 'nação grapiúna', uma área cultural na região, dominada pelos migrantes e seus descendentes".

Os romances constroem tramas que apresentam a localização exata de vários prédios da cidade, onde algumas obras literárias são usadas como fontes históricas.

Portanto, a história se compromete em explicar e analisar os fatos a partir de um olhar, onde as verdades são construídas a partir de interesses diversos, às vezes, ligados a pequenos grupos, Foucault (1999, 79) coloca que "a história é o discurso do poder, o discurso das obrigações pelas quais o poder submete; é também o discurso do brilho pelo qual o poder fascina, aterroriza, imobiliza". Muitas vezes, os relatos históricos estão do lado de quem exerce o poder, como ocorre na cidade de Ilhéus.

Região: Espaço de Fluxos

No mundo globalizado, da era da informação as dimensões de tempo e espaço devem ser revistas, pois foram transformadas em função das novas formas de relações sociais. Essas relações sociais são modificadas pela criação de redes. Mas, deve-se deixar claro que as cidades continuam a existir, porém agregam outros elementos.

Além do espaço físico, enquanto região delimitada na área terrestre, pela criação de redes há o espaço de fluxos, no ambiente virtual. O espaço onde os fluxos de informações são compartilhadas e há interação entre relações de forma desarticulada do ambiente físico. Esse espaço virtual organiza a sociedade em rede, em que as pessoas, instituições e empresas estão interconectadas pela rede global.

Hoje, é possível pela reconfiguração do espaço morar numa cidade e trabalhar em outra. Até mesmo trabalhar em casa para diversas cidades através de empresas interligadas em rede e pela produção do trabalho em informação. De Masi (2000, 138) coloca que "vivemos numa cidade,

trabalhamos em outra e tiramos férias numa terceira, atingindo cada uma delas num piscar de olhos. Conversamos em tempo real com o correio eletrônico, nos falamos e nos vemos através dos oceanos e dos continentes".

Na era da informação, há uma expansão na escala de produção, circulação de bens, informações e conhecimentos, numa tendência de homogeneizar certos produtos e elementos culturais a partir da circulação imediata de idéias, saber e tecnologia, pelos meios de comunicação e em destaque pela rede global de computadores, a Internet.

Na sociedade global, a velocidade das informações, as mudanças culturais, o crescimento econômico e o progresso tecnológico consolidam a Internet como a rede global, em que milhões de pessoas estão interligadas a todo momento para estudar, comprar, trabalhar, entreter, viajar, na interação do lazer, do trabalho e do estudo, como se o planeta se tornasse um mundo tribal, a chamada aldeia global.

A rede global também busca para o setor turístico uniformizar a linguagem para todos os continentes, ultrapassando barreiras geográficas, para consolidar os cidadãos globais, conjugando a universalidade de qualidade e a liberdade de todos com o respeito às diferenças culturais de cada lugar.

Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltados para flexibilidade e adaptabilidade para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise à suplantação do espaço e invalidação do tempo (CASTELLS, 1999, 498).

No mundo virtual, o mercado econômico se torna global, as noções de tempo e espaço então se reestruturam, as pessoas assim como as empresas estão a um "clique" de distância.

Essa nova lógica espacial, o espaço de fluxos está relacionado com o espaço de lugares, ao tentar reproduzir no mundo virtual, as relações do espaço físico, como trabalhar, informar-se, ter amigos, namorar. Castells coloca que:

A cidade global não é lugar, mas um processo. Um processo por meio do qual os centros produtivos e de consumo de serviços avançados e suas sociedades auxiliares locais estão conectados em uma rede global embora, ao mesmo tempo, diminuam a importância das conexões com suas hinterlândias, com base em fluxos de informação (CASTELLS, 1999, 412).

Assim, a cidade informacional se ergue pela sociedade baseada em conhecimento, organização em redes e formação de fluxos. Os fluxos são de informação, tecnologia, interação organizacional, imagens, sons e símbolos, assim são as formas que expressam nossa vida econômica, política e simbólica. Como o espaço é a expressão da sociedade, onde ocorrem às relações sociais que possuem função e sentido, o espaço de fluxos, como defini Castells (1999, 436) "é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Esse espaço constitui a conexão simbólica das relações sociais.

As pessoas vivem em lugares, mas as sociedades se estruturam no espaço de fluxos, devemos ter consciência para saber relacionar esses dois ambientes para não criar espaços paralelos, aumentando as diferenças sociais já existentes.

Ao abordar este assunto neste trabalho busca-se refletir sobre o espaço virtual, visto que, a pesquisa objetiva analisar sites

publicitários para saber como está a venda do espaço físico voltado à atividade turística no espaço de fluxos.

Patrimônio Arquitetônico de Ilhéus na Internet

O processo de globalização é acelerado por dois instrumentos ligados à comunicação: aumento e expansão de páginas virtuais, de alcance mundial, tornando a Internet o maior mercado virtual do mundo, onde estão presentes produtores, distribuidores, publicitários, agentes de venda, consumidores e serviços, como de turismo e lazer; e, o acesso e uso mundial da informática através de computadores em rede. Featherstone (2000, 51) coloca que "as partes distantes do mundo tornam-se próximas com a globalização da tecnologia das comunicações".

O turismo é uma das cinco atividades econômicas mais importantes na Internet, que se utiliza o sistema virtual como uma ferramenta de marketing, com fotografias, descrições, sons e vídeos de lugares turísticos. A Internet é um importante canal para divulgação de produtos turísticos. Assim, cultura é "vendida" pelas novas tecnologias da informação. Thompson (1998, 19) afirma que "as formas simbólicas foram produzidas e reproduzidas em escala sempre em expansão; tornaram-se mercadorias que podem ser compradas e vendidas no mercado, ficaram acessíveis aos indivíduos largamente dispersos no tempo e no espaço", acessíveis inclusive pela Internet.

A comunicação turística veicula e informa sobre os atrativos turísticos, quando oportuniza visitas a lugares em programas de televisão e pela rede mundial de computadores, que enquadram o local e suas características sócio-culturais, a partir da visão do consumo mediatizado. Antes de viajar, as pessoas podem se informar quanto aos destinos turísticos através da Internet,

realizam assim, o turismo virtual para conhecer e planejar viagens e escolher previamente os pontos turísticos que desejam visitar. Como explica Gandara:

Os meios de comunicação social evocam lugares, ambientes, culturas, viagens, que provocam nos consumidores um desejo de experimentá-los por si mesmos. A indústria turística cresceu de forma espetacular não somente devido aos avanços tecnológicos, mas também por causa do aumento do alcance dos meios de comunicação. [...] A Internet, por exemplo, está convertendo-se em importante instrumento tanto de informação como de comercialização (GANDARA, 2003, 164).

Pela Internet o turista faz reserva nos estabelecimentos de hospedagem, alimentação, transporte e passeios, além de comprar passagens aéreas e marítimas e conhecer os pacotes e os roteiros de localidades específicas.

Para análise dos sites publicitários sobre o turismo do município de Ilhéus foram selecionados para este artigo dois endereços eletrônicos, após consulta a diversos outros endereços no mês de janeiro deste ano. Estes foram escolhidos porque apresentam os atrativos turísticos culturais em destaque, com links para o conteúdo deste da página inicial.

O site <<http://citybrazil.com.br/ba/ilheus/turismo.htm>> é um portal que abriga informações de todos os estados brasileiros, de 558 micro-regiões e de 5.560 municípios, aborda os dados gerais a partir da pesquisas do IBGE, e se caracteriza por ser um espaço de divulgação de atrações turístico-culturais, para motivar os turistas a conhecer os locais veiculados. Apresenta a cidade de Ilhéus como o cenário da obra Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado.

No link "Pontos Turísticos", para a parte cultural está dividido em três partes. A primeira trata do "Patrimônio Histórico", que demonstra

as construções da época de ouro do cacau, são eles: o Palácio Paranaguá; o Antigo Porto; o Grupo Escolar General Osório; o Palacete Misael Tavares; a Associação Comercial de Ilhéus; a Avenida Antônio Lavigne de Lemos. Na parte que expõe o "Patrimônio Cultural", encontra-se: o Teatro Municipal; o Bar Vesúvio; o Bataclan; a Casa dos Artistas; a Estátua de Sapho; o Marco da Fundação; o Museu Regional do Cacau; o Museu de Arte Sacra; a Praça do Cacau.

Para o "Patrimônio Sacro" são expostas as igrejas católicas mais antigas do município, como: a Catedral de São; o Convento e a Igreja de Nossa Senhora da Piedade; o Museu Nossa Senhora da Piedade; o Cristo Redentor; a Igreja Matriz de São Jorge; a Igreja de Nossa Senhora da Escada; a Capela de Santana; a Capela de Nossa Senhora das Vitórias; a Capela de Nossa Senhora de Lordeis.

Este site também considera a Casa da Fazenda Primavera, como local para passeio. Além do Museu Regional do Cacau que está desativado, a página virtual também apresenta o Parque Temático Jorge Amado, em relação ao povoado de Rio do Braço, com seu casario dos anos 20 e 30, onde foram gravadas cenas da novela Renascer da Rede Globo, porém este lugar está desabitado, não oferece um produto formatado para o turismo local. Segundo Menezes, que estudou em sua dissertação de mestrado o turismo em Ilhéus afirma:

Está sendo estudada ainda, pela Ilheustur a criação de um "Parque Temático Jorge Amado", que seria desenvolvido num povoado no interior de Ilhéus chamado Rio do Braço, local que foi cenário da novela Renascer e que, segundo a descrição do gerente de operações da Ilheustur seria o local ideal para o empreendimento porque "é uma vilazinha que parou no tempo com o casario da década de trinta e com estação de trem de ferro" (MENEZES, 1998, 76).

O segundo site analisado foi <<http://www.bahia.com.br>>, este é o site oficial de turismo do Estado da Bahia, organizado pela Bahiatursa e pela Secretaria de Cultura e Turismo. Todas as cidades que compõem o portal, seguem um padrão em relação às informações disponíveis, sobre os serviços e atrações de cada lugar. A cidade de Ilhéus é divulgada como a principal cidade da Costa do Cacau, em destaque aparece os atrativos naturais e os atrativos culturais estão vinculados aos fatos históricos, ligados ao cacau e a literatura de Jorge Amado, em destaque para a obra Gabriela Cravo e Canela.

Ao clicar no link "Cultura", encontra-se os tópicos "Folclore" e "História". No tópico folclore aparece o Banho da Paixão e a Puxada do Mastro, manifestações dos bens imateriais da cidade. No tópico história estão: a Casa de Cultura Jorge Amado, onde o texto trata também do Bar Vesúvio e do Bataclan, traz dados da construção da casa, a foto presente na página é da Casa de Jorge Amado em Salvador e não dá de Ilhéus; o Distrito de Rio do Braço é apresentado como cenário épico das obras de Jorge Amado, o local teve êxito com a construção da estrada de ferro que por ali passava, indica que hoje restam ruínas, mostra a forma de como chegar no povoado; o Engenho de Santana como um passeio de barco até chegar a Capela de Santana, o site indica onde começa o passeio e o roteiro deste; a Estância Hidromineral de Olivença, local onde está a Igreja de Nossa Senhora da Escada, com foto da estância, é um patrimônio natural do município de Ilhéus.

Ao percorrer a cidade, encontram-se todas essas edificações, como referências ao passado e suas ressignificações no presente, de acordo com as atividades econômicas que vão se desenvolvendo ao longo dos anos, como o turismo.

A importância das TIC (tecnologias da informação e comunicação) é grande, pois considera-se que para se ter um destino turístico virtual, é necessário não só a informação geral sobre o contexto geográfico, ambiental, econômico e social do país e de uma região, como também dados muito específicos e informações exaustivas a respeito do sistema de acessibilidade até o destino e as conexões para seguir viagem para outras localidades. Além disso, deve-se disponibilizar as facilidades para desfrutar a estadia, movimentar-se e interagir com os habitantes, dados sobre os serviços públicos que garantem segurança e saúde, assim como os serviços de comunicação para manter-se em contato com seu local de origem (SILVA, J.; MARBACK NETO, 2005, grifo nosso).

Nos sites das empresas de turismo, devem está disponíveis informações das localidades turísticas, onde estão inseridos os serviços pela rede, buscando maior interatividade, atualização e também diferenciação em relação aos concorrentes.

Considerações Finais

A edificação do patrimônio cultural está ligada às concepções de cada época e a preservação deste patrimônio depende dos acordos entre a comunidade e o poder público. Esta valorização do patrimônio cultural se dá pelo fato de representar a memória dos grupos sociais, são palcos de experiências individuais e coletivas, e ao rememorar as pessoas lembram dos fatos ocorridos e são pertencentes do mesmo espaço, na concepção da identidade coletiva. Assim, a herança cultural está presente no patrimônio como lugar de memória.

Na relação da história e da literatura na cidade de Ilhéus, é possível observar que muitas vezes a história se utilizam os textos literários para contar determinados fatos. A

narração dos fatos torna-se assim memoráveis, que privilegiam espaços de representação de grupos da cidade, em que alguns prédios do patrimônio arquitetônico são considerados atrativos culturais veiculados em diversos meios de comunicação, inclusive em sites sobre o turismo da cidade.

A globalização, apesar dos fluxos no campo da informação e do trabalho, cria o espaço do lazer, o tempo livre, em que a pessoa tem como direito, dado às suas tarefas de produção. Esse tempo livre, muitas vezes, se beneficia pela atividade turística, quando esta é a organizadora deste tempo, na busca pela diferença, pelo novo, no contato e na inserção em outras comunidades através de seus aspectos naturais e culturais.

Nessa era das novas mídias, foram estabelecidos novos parâmetros para a economia mundial, mediada por computadores, com a conexão de empresas pela rede global, voltada para tecnologia e estratégias de diferenciação entre produtos e serviços oferecidos nos sites. A Internet busca agregar novos valores como canal de comunicação, para o mercado estreitando o vínculo entre empresas e clientes.

Atualmente, Ilhéus é uma cidade que busca, através do turismo e de outras atividades econômicas, se reerguer. Conta com ambientes acadêmicos para pesquisa, mas precisa de ações, por parte do poder público e da comunidade, para com o seu patrimônio cultural; valorizando não só os bens culturais imóveis, bem como o patrimônio imaterial, resgatando e preservando e reconfigurando festas, tradições religiosas, cultos afros e demais expressões artístico-culturais da cidade.

O turismo só funciona, eficientemente, quando a comunidade é beneficiada com a atividade. Quando a comunidade conhece sua cultura e sua história, sabe preservar suas tradições, suas expressões, seus

costumes, e assim cabe ao poder público incluir a população em suas ações, levando em consideração o valor atribuído pela mesma ao patrimônio local. Assim, a atividade turística passa a ser um elemento capaz de alavancar a economia local, ao mesmo tempo em que os bens patrimoniais constituem fator de orgulho e inclusão social, na medida em que se apresentam como símbolos, nas quais a história local se torna um instrumento do saber e de sua prática turística.

Referências

- DE MASI, D. O ócio criativo. Trad. Lea Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- CASTELLS, M. Sociedade em rede. 4 ed. Trad. Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Título original: The rise of the network society. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1).
- FEATHERSTONE, M. A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.
- FOUCAULT, M. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GANDARA, J. M. G. Ações comunicativas do destino turístico Curitiba. In: REJOWSKI, Miriam; COSTA, Benny Kramer. (orgs.) Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003.
- GEERTZ, C. O Impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.
- LEFF, E. Ecologia, Capital e Cultura. Blumenau: Edifurb, 2000.
- ILHÉUS. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br>>. Acesso em: 23 jan 2006.
- MACÊDO, J. R.; RIBEIRO, A. L. R. Ilhéus - Tempo, Espaço e Cultura. Itabuna: Agora, 1999.

- MENEZES, T. C. C. Turismo, tradição e hospitalidade: um estudo sobre a produção de identidade em Ilhéus. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ, 1998. (Dissertação de Mestrado).
- PELLEGRINI FILHO, A. Ecologia, cultura e turismo. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- PONTOS TURÍSTICOS. Disponível em: <<http://citybrazil.com.br/ba/ilheus/turismo.htm>>. Acesso em: 23 jan 2006.
- RIBEIRO, A. L. R. Família, Poder e Mito: o município de S. Jorge dos Ilhéus (1880-1912). Ilhéus: Editus, 2001. 166 p.
- SAHLINS, M. La Pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In: Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.
- _____. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção. Mana v.3 n.1. Rio de Janeiro, abr 1997. Disponível em: www.scielo.br.
- SANTOS, M. S. História e Memória: o caso do Ferrugem. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 46, pp. 271-295. 2003.
- SILVA, A. C. C. da. Sobre Histórias, Números, Cores e Gentes de Ilhéus. In: Agenciamentos coletivos, territórios existenciais e capturas: uma etnografia de movimentos negros em Ilhéus. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ, 2004. (Tese de Doutorado).
- SILVA, J. A. S.; MARBACK NETO, G. O turismo baiano e as novas tecnologias da informação. Disponível em: <<http://www.etur.com.br>>. Acesso em: 13 jan 2006.
- THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- VEYNE, P. Como se escreve a História. 4 ed. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora da UnB, 1992.